



Silvino Silvério Marques

(23Mar1918 > 01Out2013)



Nascido na Nazaré, quarto filho de Georgina Ferreira Silvério Marques e de Joaquim Marques. Estuda em Lisboa, no Liceu Camões; e depois na Faculdade de Ciências, os preparatórios militares de Engenharia, após o que, no ano lectivo de 1938-39, é admitido na Escola do Exército. Em 31Dez42, concluído na EPE o estágio do curso de Engenharia Militar e classificado em 1º lugar, é colocado no RE2 (Campo Grande - Lisboa). Casa com Maria Marcelle Barroso. Em 12Fev48 promovido a capitão. Em 20Out50 ingressa no Corpo de Estado-Maior e cumpre em Londres, Paris e Nápoles, missões militares ligadas aos serviços de Cifra e ao Reconhecimento de Transmissões. Seguidamente na Escola do Exército, é professor de Organização e Tática de Engenharia. Em 14Jan54, agraciado com o Oficialato da Ordem Militar de Avis. E em Jan55 promovido a major. Em 27Set58, agraciado com a Comenda da Ordem Militar de Avis. Em 02Dez58 empossado governador provincial do arquipélago de Cabo Verde. Em 18Jan59 chega à Cidade da Praia. E em Ago59 promovido a tenente-coronel. Em 02Set62 agraciado com a Medalha de Ouro de Serviços do Ultramar; e a 10Out62 regressa a Lisboa. Em 19Out62 nomeado governador-geral de Angola; e 5 dias depois empossado no cargo. Em 04Nov62 chega a Luanda. Em 13Nov63, agraciado com o Grande-Oficialato da Ordem Militar do Império. Em 29Set64 promovido a coronel tirocinado. Em 05Out66 embarca no porto de Luanda, de regresso a Lisboa. No final de 1966, é-lhe atribuído o cargo de sub-CEME; cumulativamente, exerce funções na Siderurgia Nacional como administrador-delegado (67-70), por parte do Estado. Em 1968 conclui o Curso de Altos-Comandos, considerado "muito apto". Em 25Fev69 promovido a brigadeiro, exerce os cargos de director-interino da Arma de Engenharia, e do Serviço de Fortificações e Obras Militares. Em 1970 publica «Estratégia Estrutural Portuguesa». No início de Nov70, nomeado segundo-comandante da RMM (para substituir o brigadeiro Orlando Ferreira Barbosa). Em 22Dez70 chega a Lourenço Marques. E em 08Set71 passa a acumular em Nampula, funções de adjunto do CCFAM.



Recorda...

... «uma senhora numa companhia [CArt2629 em Sadzo] no mato de Tete, aí instalada com o seu piano; e outra mulher de um oficial, na fronteira do Niassa, na confluência do Rovuma com o Lugenda, em Negomano, só no meio da tropa da companhia [CArt2746]»...

(cf s/depoimento de 09Mar95, in "A Guerra de África")

Em 08Ago72 o seu primogénito Miguel, alferes miliciano médico, morre em combate no Maiombe (Cabinda). Em 15Jan73 termina a sua missão em Moçambique e regressa a Lisboa, onde o CEME general Paiva Brandão lhe diz que «tinha subido muito e não sabiam onde me haviam de colocar: fiquei largos meses na Companhia de Adidos e mais tarde fui colocado no Instituto Superior Naval de Guerra», como professor; é indigitado vogal do Conselho Superior Ultramarino, e administrador do BNU. Em 19Out73 promovido a general, nomeado director do Serviço de Instrução do EME. Em 01Nov73 convidado pelo PM para ministro do Exército, mas recusa. Em 14Mar74 é um dos oficiais-generais que não comparece em São Bento, à cerimónia de vassalagem ao PM Caetano. Para o dia 25Abr74 estava previsto um jantar na residência de seu irmão Jaime, tendo o vice-CEMGFA general Spínola como convidado. Está em sua casa, quando os filhos lhe dizem ocorrer «uma revolução na rua»: sai para levantar dinheiro num banco de Algés e passa por casa do irmão, que encontra fardado para se apresentar na respectiva unidade; entretanto sua cunhada telefonava à esposa de Spínola, dizendo que «pela revolução, já não havia jantar». Nessa noite telefona para o BC5, onde seu irmão já se encontra detido pelos revoltosos, recebendo como resposta que não necessita de nada; e à meia-noite de 25 para 26, um dos filhos chama-o, para lhe dizer que «o tio é um dos membros da JSN».

Em 04Mai74 indigitado pelo presidente da JSN, como governador-geral e comandante-chefe de Moçambique. Mas em 16Mai74 o CEMGFA e (novo) presidente da JSN general Costa Gomes, aconselhado pelo recém-empossado MCI Almeida Santos, afasta-o da nomeação.

Em 11Jun74 toma posse em Lisboa como governador-geral de Angola; e 3 dias depois segue para Luanda.

Durante a tarde 15Jun74, assume no Palácio do Governo-Geral de Angola o seu novo cargo.

Ao fim da tarde de 17Jul74, os controleiros do MFA em Luanda procedem ao seu 'saneamento'.

Em 19Jul74 recebe no Palácio do Governo-Geral de Angola, um telegrama conjunto do MCI e do CEMGFA, convocando-o para se deslocar com urgência a Lisboa.

E na noite de 20Jul74, regressa definitivamente à Metrópole.

Pós-11Mar75 é passado à situação de reserva.

Ao longo da sua carreira militar, além das supracitadas condecorações, foi agraciado com:

a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, com palma;

a Medalha de Mérito Militar, de 2ª classe; a Comenda da Ordem do Mérito Militar (Brasil);

e a Medalha de Ouro Comemorativa do V Centenário da Morte do Infante Dom Henrique.



Em 19Abr77 é co-autor (de parceria com os generais Joaquim Luz Cunha, Bethencourt Rodrigues e Kaulza de Arriaga), da 15ª edição do livro intitulado «África, a Vitória Traída».

Em 16Mar78 publica «Portugal - E Agora?».

Em 28Dez79 é co-autor (de parceria com o tenente-coronel de artilharia 'miliciano' "comando" Gilberto Manuel Santos e Castro, e outros 16 militares, professores e jornalistas), de uma queixa-crime entregue naquela data na secretaria da PJ, contra os responsáveis pela "descolonização" - Mário Soares, Almeida Santos, Melo Antunes, Costa Gomes, Rosa Coutinho, Victor Crespo, Otelio Saraiva de Carvalho, Pires Veloso, Almeida d'Eça, António da Silva Cardoso, Leonel Cardoso, e ainda todos os membros da JSN, do Conselho de Estado e dos governos provisórios, «que deram pareceres favoráveis aos acordos da descolonização», tal como contra «os membros do Conselho de Estado, autores da Lei Constitucional nº 7/74», e ainda contra «outros indivíduos que tiverem tido participação activa nos factos criminosos»; (leiam-se, a este propósito, os diários das sessões da AR, em 24Nov81 e 03Dez81).

Em 20Jan82, a 'troika' do STJ considera que «se porventura houve erros ou desvios no processo de descolonização, a História não deixará de fazer incidir sobre eles o seu Julgamento», concluindo que «a descolonização não constitui crime por efectuada ao abrigo da Lei nº 7/74».

Em 1983 publica em 2ª edição, de parceria com Luiz Aguiar e Gilberto Manuel Santos e Castro, a obra intitulada «Os "Descolonizadores" e o Crime de Traição à Pátria»; (leia-se, a este propósito o artigo «Para que se não esqueça», publicado em 15Dez87 no jornal "O Dia").

Desde 10Jun94, integra a Comissão de Honra dos Encontros Nacionais de Combatentes (Forte do Bom Sucesso).



Em 1995, distribui o opúsculo «Marcello Caetano, Angola e o 25 de Abril - Uma polémica com Veríssimo Serrão».

Em 2001 publica «Salazar, o Ultramar e o 25 de Abril».

Em 2007 a revista "Estratégia" (do Instituto Português da Conjuntura Estratégica), no vol.XVI insere, um seu «Comentário ao 1º volume das "Quase Memórias" de Almeida Santos».

E em 07Dez2009, o General publica a súmula da sua derradeira polémica com o arqui-inimigo Almeida Santos, intitulada «Qual de Nós Terá Razão?».